

DIÁLOGOS EM SALA DE AULA

ETNOCENTRISMO OCIDENTAL X MUNDO MUÇULMANO: APENAS UM CHOQUE?

Camila N. Sande*

*“Algo da alma oriental continuará a iluminar o caminho e
nossa vida como uma luz que nunca se apaga”*

Mansour Challita

RESUMO

Para analisar a complexa relação entre o Ocidente e o mundo muçulmano, dentro dos seus inúmeros aspectos, dando ênfase, porém, ao comportamento ocidental perante o fundamentalismo islâmico, é fundamental que se abordem pontos condizentes com as distintas realidades das partes e que se direcione as devidas atenções para as controversas visões e para as particularidades que existem no cerne destas. Deve-se, especialmente ao tratar de assuntos relacionados ao Oriente Médio, ter o máximo de cautela ao fazer afirmações ou tirar conclusões, pois muitas vezes elas podem ser precipitadas ou simplesmente sem fundamentos. Ao apontar as peculiaridades do jogo de interesses que envolvem essa região e os Estados Unidos da América, entretanto, faz-se indispensável que se leve em consideração a insistência das partes em omitir ou meramente esconder determinadas informações. Criticar esse jogo, no entanto, um desafio muito arriscado. E é justamente isto que tentar-se-á fazer nesse artigo.

Palavras-Chave: Política – Religião – Relações Internacionais

* Aluna do curso de graduação em Relações Internacionais da Faculdade Integrada da Bahia

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O mundo se fez dividido em inúmeros momentos na história da humanidade e vastas civilizações já habitaram o planeta, deixando como legado a sua cultura e os seus costumes e espalhando os seus métodos de convivência entre os mais distintos povos, fossem estes pacíficos ou conflituosos. Ao longo dos tempos, todavia, a característica das lutas entre povos foi se modificando, partindo desde os confrontos primitivos, passando pelas esplendorosas batalhas dos impérios, disputas entre monarcas, entre nações, até findar na última e, até pouco tempo, recente forma constituída pelo enfrentamento ideológico da guerra fria.

Vale ressaltar que em todas as guerras do passado, por mais distante que ele possa parecer, o inimigo sempre se apresentou como uma figura bem definida e objetiva. Ambos os lados tinham conhecimento do que estavam enfrentando e contra quem estavam lutando. Mesmo no conflito entre ideologias, onde as confrontações internas divergiam de Estado para Estado bem como as opiniões de intelectuais e das sociedades nacionais se dividiam em infinitos questionamentos, fazia-se de conhecimento geral, claro e cristalino, que os Estados Unidos enfrentavam o monstro comunista e a União Soviética tentava conter o furacão capitalista. A ordem mundial era, portanto, estabelecida pela lógica bipolar protagonizada pelo capitalismo e pelo socialismo e quanto a isto não havia dúvida alguma. Com o fim dessa ordem, entretanto, o lado vitorioso - sendo este o Ocidente que se apresentava na figura dos Estados Unidos da América o qual, por sua vez, trazia ao seu lado a recém-nascida e ainda não tão ameaçadora União Européia e o Japão no formato da poderosa Tríade - se prontificou então a introduzir ao resto do mundo a imensamente famosa, porém pouquíssimo desfrutada pela maioria, globalização. Ora, não havia o que se discutir. Não obstante os mais diversos tipos de lutas travadas no decorrer dos séculos, sempre esteve determinado que o vencedor passava a ditar as regras e a tomar as decisões que condiziam com os seus interesses, podendo estes variarem desde as conquistas de territórios até o mais completo domínio do poderio econômico e militar mundial.

Não havia, portanto, uma vez derrotada a União Soviética, um inimigo direto com o qual os americanos pudessem manter uma relação tensa que influenciasse todo o resto do mundo, conforme ocorrera na guerra fria. A China, ainda conduzida pelos princípios do confucionismo, ameaçava inundar o planeta com suas exportações produzidas com mão-de-obra infantil - o que as tornava extremamente competitivas aos olhos do mercado - mas não demonstrava o tipo de ameaça pela qual os Estados Unidos procuravam. O país acreditava que poderia conter essa explosão de mercadorias made in China com uma boa

dose de protecionismo, a contragosto dos fundamentos do livre comércio pregado por ele próprio.

Já os países do Ocidente Europeu se viam afundados numa série de mudanças internas que teriam um curtíssimo prazo para serem executadas. A chamada fase de transição desses países constituiu-se, em verdade, na fusão das pressões externas com as insatisfações internas que desencadearam a revolta e a aversão de grande parte das suas populações ao processo de globalização que se fazia absolutamente concentrado no rico Norte. A América Latina se encontrava em plena execução dos mandamentos do Consenso de Washington, privatizando as suas empresas, lutando para conter a inflação e abrindo os seus mercados da maneira mais selvagem possível. Para os americanos, tudo estava, de certa forma, no seu devido lugar. Ou melhor, quase tudo.

Havia uma parte do mundo da qual os Estados Unidos teriam de tratar muito delicadamente, caso contrário, ela poderia vir a se tornar um grande contratempo dentro das prioridades de ação norte americana. O Oriente Médio, antes paisagem principal apenas dos contos das Mil e Uma Noites, se encontrava há muito em pleno estágio de ebulição e lidar com ele exigia agora muito mais do que o poder supremo dos EUA. Era preciso o uso de muita habilidade e cautela ao serem elaboradas as estratégias da política externa americana para com esse conjunto de países - se é que algum dia houve alguma - que antes mesmo de 1979 já vinham sendo inundados com os princípios fundamentalistas do Islã, pregados na Revolução Islâmica do Irã¹, e impulsionadores do temido terrorismo internacional. Ao se depararem com essa bomba relógio, de uma certa forma ativada por eles e prestes a explodir, os Estados Unidos puderam perceber que o mundo ainda não estava completamente sob o seu controle e que muito provavelmente teriam que se preparar para um grande desafio que estava por vir. Ou seria um ajuste de contas?

VISÕES DISTINTAS

A linha de pensamento do ex-Secretário de Estado americano Henry Kissinger sugeria, no começo da década de 90, nas primeiras páginas de *Diplomacy*²: *“a ordem que ora se forma terá de ser construída por estadistas que representam culturas imensamente diferentes”*

¹ O Irã liderou os movimentos da Revolução Islâmica que tinham como meta recuperar os princípios fundamentais do Corão (Livro dos Muçulmanos) por intermédio da ação popular. Em fevereiro de 1979, em Teerã, o aiatolá Khomeini derrubou a monarquia do xá Reza Pavlevi e criou a República Islâmica do Irã. Ver: NABHAM, Neuza Neif. *Islamismo – De Maomé aos nossos dias*. São Paulo: Ática, 1996. p. 110.

(KISSINGER, 1999: 24). Longe de ser um autor simplista, Kissinger também transmitiu ao longo dessas páginas todo o entusiasmo americano daquela época, enfatizando a satisfação pela prevalência da economia capitalista de mercado perante os ideais socialistas e visualizando um mundo próspero sob a égide do domínio estadunidense. Entretanto, no entre linhas da afirmação do estadista havia uma preocupação com a rejeição por parte de alguns Estados culturalmente diversos, como ele os denominou, ao novo sistema constituído e imposto pelas sociedades ocidentais.

Em 1993, Samuel P. Huntington, um relevante acadêmico de Havard e também ex-funcionário do governo, mexeu com a cabeça de muitos intelectuais de todo o mundo ao publicar o artigo “O Choque de Civilizações”. Huntington tinha, dentre outros objetivos, o de alertar o “Ocidente” para a ameaça do Islã, prevendo um conflito entre as duas partes as quais ele analisou como civilizações distintas (HUNTINGTON, 1996: 266/7). Mais tarde, seria publicado pelo autor o livro de mesmo título, porém repleto de fundamentações para a sua tese. O mais impressionante, contudo, é a interligação intrínseca entre os escritos de Kissinger e os de Huntington. Em uma das suas análises mais atrativas, o polêmico professor de Havard coloca a previsão de um anônimo muçulmano indiano, a qual transmitia que *“a próxima confrontação do Ocidente virá sem dúvida do mundo muçulmano. É no arco das nações islâmicas do Maghreb ao Paquistão que começará a luta pela nova ordem mundial”* (HUNTINGTON, 1996: 267).

Afinal, qual das duas seria a colocação mais próxima da realidade da época? O novo cenário se constituiria então de aspectos condizentes com a prosperidade e a celebração da economia de mercado, o lucro e tudo mais que o capitalismo pudesse proporcionar ou, no final das contas, o que estava por vir era uma ordem mundial não vislumbrada pelo Ocidente, cheia de surpresas e drásticas constatações? Em verdade, o que havia naquele momento era sim um choque entre a visão etnocêntrica do Ocidente e a forma muçulmana de ver o mundo.

OS ESTADOS UNIDOS E O FUNDAMENTALISMO ISLÂMICO

Como já o fez em outras épocas, o governo americano insiste em controlar a mídia e as informações em geral quando se trata de um grande jogo de interesses como o seu envolvimento com o Oriente Médio. No dia 11 de setembro de 2001 os Estados Unidos

² **Obra prima do autor, Diplomacia (tradução em português) foi lançada em 1994 e relata de forma cronológica as diferentes etapas da Política Externa americana, fazendo uma análise da nova ordem mundial que se instaurava na época da primeira edição.**

sofreram o ataque de maior dimensão que grupos terroristas puderam promover ao longo de toda a sua propagação do mal. As imagens transmitidas ao vivo em todo o mundo não podiam se fazer mais chocantes do que foram. Os símbolos do poderio econômico e militar americano em chamas ao mesmo tempo em que bombeiros e civis corriam pelas ruas de Nova York em pânico, incrédulos do que acabava de acontecer. A mesma mídia que tanto já promoveu os filmes hollywoodianos sobre as maiores tragédias que poderiam destruir o sonho americano postavam-se agora a mostrar a ficção transformada em realidade. Naquele momento, não havia o que esconder e quase o mundo todo sentiu pena da população americana, tão civilizada e inabalável, sendo devastada por loucos diretamente ligados ao fundamentalismo dos países islâmicos. A partir daquele momento todos tinham uma única certeza: esse mundo não seria mais o mesmo.

Ocorre que, ao chegar ao máximo da sua ousadia, os terroristas mostraram que por trás do fundamentalismo religioso existe algo muito mais poderoso que dirige e patrocina as suas ações. Fontes oficiais faltam para comprová-lo, mas é fato que os americanos, após a divisão do mundo em dois grandes poderes na guerra fria, financiaram o terror para extinguir movimentações que insinuassem pretensões comunistas ou de nacionalismo progressista dentro de alguns países de maioria muçulmana. Utilizando forças reacionárias, os terroristas recrutados pelos Estados Unidos pertenciam a grupos como o Jamaat-I-Islam do Paquistão e o Sarekat-I-Islam da Indonésia e lutavam contra governos como os de Bhutto e o de Sukarno, pertencentes aos dois países supracitados respectivamente (ALI, 2001).

Para conter os soviéticos na Guerra do Afeganistão de 1979, os Estados Unidos apoiaram ninguém mais do que Osama Bin Laden, o homem mais procurado na história da América, e o seu grupo de fiéis reacionários. Alguns destes, inclusive, fazem parte da organização terrorista Al Qaeda. Em tal apoio, o país forneceu desde armas pequenas até armamentos considerados leves, mas de grande potência na época do conflito. Muitos desses, dentre mísseis e fuzis, são utilizados hoje, só que contra a sua fonte de origem. Os campos de treinamento dos Talibãs foram construídos com dólares americanos o que faz dessa guerra da grande e poderosa coalizão Bush – Blair e aliados contra o terror uma grande ironia.

Surpresa? Nem tanto. Os bastidores da guerra do Irã X Iraque (SHLAIM, 1995) guardam histórias bastante parecidas. Enquanto os Estados Unidos apoiavam o Iraque na disputa, diga-se de passagem profundamente atrelada a questões do petróleo na região, a sua indústria bélica - não se cometerá aqui a indiscrição de comentar o porque dela ser apoiada pelo governo americano - fornecia armas para o inimigo Irã. Pouquíssimo tempo depois, o

grande aliado de Sadam Hussein virou o seu maior rival na Guerra do Golfo. Relata-se, curiosamente, que isto se deu pela falta de ética e legitimidade da invasão iraquiana no Kuwait. Quem vai duvidar?

Para punir o Iraque pela sua ação desmedida, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, por intermédio da decisão do Conselho de Segurança das Nações Unidas, aplicaram sob o país um embargo econômico que em dez anos tornou a vida da população iraquiana absolutamente miserável. Intrigante faz-se o fato de os Estados Unidos não terem persistido na sua busca por Sadam, naquela época tão odiado quanto Laden o é nesse começo turbulento de século. Provavelmente ele estava escondido em algo menos primitivo do que as cavernas das infinitas montanhas do Afeganistão. Ou talvez o petróleo tenha algo a ver com essa desistência.

PETRÓLEO: FONTE DAS CONCESSÕES

Faz-se extremamente difícil fugir do assunto “petróleo” quando se discute o interesse americano no Oriente Médio. Não se sabe ao certo a época exata na qual este nasceu, mas especula-se que após a criação do Estado de Israel, em 1948, na qual os Estados Unidos tiveram uma participação puramente marginal, o país formalizou um íntimo relacionamento com a região fundamentado na oportunidade de ter acesso à grande quantidade de petróleo que ela tinha a oferecer. Logicamente, Israel tornou-se o braço militar americano na parte do mundo onde os judeus sempre foram rodeados por árabes desgostosos com a presença deles. A questão da segurança não é, portanto, totalmente descartada.

Israel, no entanto, não é um país tão rico em petróleo, ao contrário dos seus vizinhos. Pensando nisto, os Estados Unidos trataram de estabelecer “alianças” nos pontos de maior concentração do produto, como é o caso da Arábia Saudita. A relação com o Irã e o Iraque, outros dois grandes produtores do combustível na região, foi bastante afetada pelas guerras – Irã X Iraque e do Golfo – e também pela aversão da população aos princípios do Ocidente. Hoje, mais contido, o Irã tenta o seu processo de “democratização”³, enquanto que o Iraque permanece embargado e hostil.

A Arábia Saudita, por sua vez, transformou-se em um dos países de maior fortuna do mundo por causa das suas riquíssimas jazidas de petróleo (CHALLITA, 1990). A sua

³ Acredita-se que a palavra “democratização” quando utilizada em referência a um país do Oriente Médio está sujeita a vastas interpretações. O próprio conceito de democracia provoca discussões célebres, concluindo-se, portanto, que caberá ao leitor a análise do termo e sua contextualização com a realidade iraniana.

população, 100% muçulmana, rejeita as leis liberais do Ocidente e aplica a religião na sua forma mais literal, mais conhecida como wahhabista⁴. Até hoje o Estado Saudita vive sob as normas religiosas do wahhabismo que dominam toda a estrutura social do país e são também disseminadas em todo o mundo muçulmano. Os petrodólares sauditas compõem grande parte do financiamento para a propagação do fundamentalismo islâmico, em especial nas escolas religiosas do Paquistão, onde são oferecidos os ensinamentos do Talibã.

Os americanos, entretanto, viram no país a chance de estabelecer a conexão Estados Unidos–Oriente Médio para controlar o abastecimento de petróleo, visando garantir o suprimento das suas necessidades. A presença americana na Arábia Saudita data da década de 30, quando o grande gigante norte americano do petróleo, a empresa Aramco, precisou de um Estado para defender os seus interesses na região. Vale salientar que o país dota em seu próprio território de uma enorme reserva do produto, porém de acordo com a política americana esta deve ser usada apenas em situações de emergência como as que ocorreram na década de 70, época dos dois grandes choques petrolíferos.

O JOGO SEM REGRAS

Todo esse jogo de interesses leva a dedução de que os Estados Unidos não têm e nem nunca tiveram uma política planejada e uniforme para tratar dos assuntos do Oriente Médio. O que há na verdade é uma estratégia oscilante que, uma vez impulsionada pelo interesse econômico ligado ao petróleo da região, vai sendo definida de acordo com os acontecimentos do momento. Joga-se, portanto, um jogo sem regras dentro do qual concessões são feitas para que se possa manter os árabes subservientes ao domínio financeiro americano. Questiona-se, todavia, se esse “apoio” ao Ocidente não vai acabar quando os países, em especial os islâmicos, perceberem que não há mais razão para se submeter à dominação americana. É a partir das bases desse questionamento que os Estados Unidos devem temer a grande “ameaça islâmica”.

As marcantes imagens de apertos de mão entre os líderes palestino e israelense promovidas pelo governo americano, em especial na era Clinton, não foram suficientes para convencer os defensores da criação do Estado palestino de que ela se tornaria realidade. Após os ataques de 11 de setembro, o discurso da coalizão internacional contra o terror enfatizava

⁴ O wahhabismo é uma tendência do Islã baseada nas pregações do fanático religioso Ibn Abdul Wahhab que viveu no Oriente Médio no século XVIII. Essa interpretação pregava as vantagens da *Jihad* (guerra santa) permanente contra os modernizadores islâmicos e os seus infieis.

ainda mais a importância dessa criação no intuito de conter as manifestações terroristas e a intifada palestina-israelense em regiões como a Faixa de Gaza e a Cisjordânia.

Sabe-se, no entanto, que o líder palestino Yasser Arafat não possui mais controle algum sobre as organizações terroristas que agem no seu território de ocupação. Arafat, antigo terrorista, é cristão e tem hoje como objetivo a criação de um Estado judaico-palestino, laico e democrático. Essa meta, entretanto, vai de encontro com os ideais do povo palestino, ou pelo menos da grande maioria muçulmana, que quer a extinção do Estado de Israel e a instalação de um governo islâmico na Palestina (SHLAIM, 1995). Toda essa contradição torna a situação dos conflitos muito mais complicada do que se imagina.

A NOVA ERA DO ISLÃ

Enquanto isso, a nova geração de árabes está crescendo em um ambiente onde o ódio e o repúdio ao Ocidente, em especial aos Estados Unidos da América, é pressuposto para o seu engrandecimento social. Setenta por cento da população árabe nasceu após o ano de 1970 (KAPLAN, 2000). Desconcertadamente, consonante a análise de Robert Kaplan, essa população compõem-se repleta de jovens com pouquíssima memória histórica das grandes e difíceis lutas já travadas na região, seja pela independência ou até mesmo pelas primeiras disputas árabe-israelenses. A única lembrança deles seria a humilhação do Iraque pelas forças aliadas em 1991. Com ousadia, o autor ainda menciona a colocação de uma analista do Oriente Médio, Christine M. Helms na qual ela afirma que: *“com a ‘bancarrota’ do nacionalismo árabe, os ‘deserdados’ políticos não estão racionalizando o fracasso do arabismo (...) nem o estão reformulando. Não se contemplam soluções alternativas. Simplesmente optaram pelo paradigma político da outra extremidade do espectro político, que lhes é familiar – o Islã”* (KAPLAN, 2000:14).

Nesse contexto, o que as palavras de Kaplan querem colocar é que no lugar de uma unidade árabe está nascendo uma unidade islâmica onde as fronteiras nacionais dos países seguidores se fundem na crença de uma religião que está crescendo de forma epidêmica e que ao mesmo tempo exerce uma profunda influência nas esferas político-social e cultural. A posição do autor é bastante arriscada, porém extremamente frutífera para análises. Ele completa a sua colocação dizendo que atualmente o Islã é a única religião disposta a lutar. Se o mundo está mesmo dividido em civilizações, conforme afirmou Samuel Huntington, sendo as duas principais a do Ocidente e a do Islã, então a colocação de Kaplan não deixa de ter uma certa coerência.

Isto porque, de acordo com Huntington, as causas fundamentalistas islâmicas são demasiadas tentadoras para jovens desempregados que vivem na pobreza e escassez. Esses mesmos jovens muitas vezes chegam a migrar para o Ocidente em busca de melhores condições de vida, levando, contudo, um choque ao tentar mesclar-se com os ocidentais. As diferenças fazem-se, então, aguçadas e a intolerância explicitada. Todo esse ciclo de constatações leva ao aumento do repúdio desses jovens à supremacia e indiferença do Ocidente o que os conduz a atentar contra a sociedade ocidental e os seus símbolos de poder e superioridade. Sem contar que as causas que intercedem o fundamentalismo e o terrorismo conquistam adeptos no próprio Ocidente, reforçando a hipótese de que americanos podem e muito provavelmente estão envolvidos nos grupos terroristas que já atacaram o seu país.

Não que eles sejam a favor da causa islâmica e apoiem os seus princípios. De forma alguma, não há indícios para tanto. O que ocorre é uma negação de uma parcela da sociedade ao método americano de conduzir o mundo e as suas políticas de interesses e exclusão. Ora, se os próprios americanos não concordam com as medidas tomadas pelo seu país para direcionar o sistema internacional como se pode, então, esperar que os que mais sofrem com essas atitudes estejam satisfeitos?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Saber ao certo como definir a relação entre a concepção ocidental e a muçulmana, no que concerne os distintos modelos de configuração da realidade mundial, é tarefa difícil, pois as duas são movidas por objetivos bastante controversos e se chocam numa disputa de interesses totalmente contraditória. Como agravante, tal disputa sempre esteve presente na metodologia americana de condução da sua política externa, conforme ocorreu na Segunda Guerra Mundial, quando sabe-se perfeitamente que não foi o holocausto do judeus que conduziu os americanos a aderir ao movimento dos aliados, mas sim o ataque de Pearl Harbor; da mesma forma que o uso de gás venenoso contra os curdos por Sadam Hussein não levou os Estados Unidos a intervir no Iraque, mas sim a sua ameaça aos campos petrolíferos da Arábia Saudita.

Não se faz conveniente generalizar as atitudes da civilização muçulmana, pois esta se constitui bastante diversificada e, em grande parte, pacífica e contida. O que deve haver, todavia, é uma preocupação do Ocidente quanto a soluções para as mazelas sociais sofridas por uma considerável parcela dessa civilização que não desfruta do bem estar econômico das potências coordenadoras da ordem mundial. A melhoria nas condições de vida dessa

população implicaria não só num Oriente Médio mais infiltrado na comunidade internacional como também numa diminuição generalizada das desigualdades entre os países que dela fazem parte. Os fundamentalistas islâmicos são uma parte pequena de toda a população muçulmana a qual se encontra espalhada nos quatro cantos do mundo.

Os ataques de 11 de setembro mudaram essa ordem mundial que parece ter entrado num período de retrocesso no que diz respeito à confiabilidade mútua das nações. Não há aqui a intenção de querer que o terrorismo prossiga impune, pois por consistir em uma ação covarde e irracional de indivíduos que não prezam pela vida alheia nem tampouco por mandamentos religiosos, este deve ser extinto e esquecido e seus perpetradores punidos. No entanto, o que se espera do Ocidente, principalmente dos Estados Unidos, é que as atitudes que foram e estão sendo tomadas por eles, tanto no Afeganistão, quanto em outros locais do Oriente Médio, resultem em benefícios não para o seu orgulho nacional, mas sim para os milhões de miseráveis, refugiados, crianças inocentes, que não tem acesso algum às maravilhas que os petrodólares podem propiciar. Mesmo vivendo tão perto da sua fonte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHALLITA, Mansour. **Esse Desconhecido Oriente Médio**. Rio de Janeiro: Revan, 151p.
- KAPLAN, Robert. **À Beira da Anarquia**. São Paulo: Futura, 2000. 212p.
- KISSINGER, Henry. **Diplomacia**. Rio de Janeiro: 1994. 917p.
- NEIF NABHAN, Neuza. **Islamismo**. São Paulo: Ática, 1996. 121p.
- HUNTINGTON, Samuel. **O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997. 410p.
- NAIPAL, V. **Entre os Fiéis**. Irã, Paquistão, Malásia, Indonésia – 1981. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 544p.
- SHLAIM, Avi. **War and Peace in the Middle East**. New York: Penguin, 1995. 146p.

ENDEREÇOS ELETRÔNICOS

- ALI, Tariq. Em nome do choque de civilizações. *Le Monde Diplomatique* Edição Brasileira. www.diplo.com.br Ano 2, número 21.
- GOMES, Alexandre. Sementes da Intolerância. <http://orbita.starmedia.com/~resenhas/Gen0031.htm>
- JONES, Arthur. We have built up this anger. www.findarticles.com 28/09/01.
- PILGER, John. Far from being the terrorists of the world, the Islamic peoples have been its victims. www.findarticles.com 17/09/01.